

**c a c o s**

CARLOS CASTELO

Penalux, 2021



## O C. da questão

Ele era 50+. Significava que podia sacar o PIS. Melhor então fazer a coisa logo, as regras mudam tão rápido.

Baixou na Caixa Econômica munido dos documentos solicitados: número do PIS e documento com foto.

Depois de uma hora na fila, chegou sua vez. A atendente olhou na tela do computador, reparou de novo, ajustou o bifocal. Aí fez a pergunta:

— Como é o nome de sua mãe?

— Arací — disse ele.

— Olha, aqui está constando que é Aracu.

— Aracu? O que é isso? — rugiu, indignado.

— Sim, tem um cu, não um ci, senhor.

Risos abafados ecoaram pela agência bancária. A atendente deu o veredito:

— Por causa disso, não vai dar pra liberar o PIS no automático. Vou precisar de sua carteira de trabalho pra poder alterar.

Depois de uma hora na fila, sem internet, ninguém fica calmo. O sujeito começou a reclamar loucamente, e começou a berrar no recinto. Veio a gerente.

— O que houve, Tamires?

— Em vez de ci tem um cu no nome da mãe desse senhor.

Foi a gota d'água. O homem se alterou pra valer:

— Não vem pondo cu no nome da minha mãe, dona. Ou vai todo mundo levar no rabo aqui!

Às pressas, serviram-lhe café numa sala reservada. A gerente ligou até o ar.

O PIS foi liberado na sequência. Agora, sobre a correção do cu da mãe no sistema, só daqui uns 20 dias úteis.

## **Franqueza**

Entrou para um grupo de terapia em grupo. Passadas algumas sessões, chegou um colega novo. Um rapaz com seus 35 anos, corado e trajado como um dândi.

O terapeuta pediu que ele se apresentasse. Ele começou:

“Oi, sou o Rômulo. Trabalho como arquiteto. Não sei se vocês já viram dois prédios bem altos, envidraçados, na entrada da avenida Paulista. São projetos meus.”

Uma colega tomou a palavra:

“Oi, Rômulo. Sou a Laura, professora. Seja bem-vindo ao nosso grupo. E, olha, pega esses seus dois prédios da Paulista e enfia no teu cu, viu?”

## **Me diz uma coisa**

- Este pão aqui é de quê, mocinha?
- Pão de milho, senhor. Vai levar?
- Me diz uma coisa, ele é mais pra doce ou salgado?
- É pão de milho, senhor.
- Sim, mas é mais puxado pro açúcar ou pro sal?
- É mais puxado pro milho.
- Não entendi.
- O milho é doce, senhor?
- Se puser açúcar, fica doce.
- O milho é salgado?
- Se puser sal, fica salgado.
- Nosso pão de milho não vai nem sal nem açúcar.
- Ah, então não é nem salgado nem doce?
- Não, é pão de milho.
- Entendi.
- Vai levar quantos pãezinhos de milho?
- Nenhum, me vê um croissant.

## **Os pinhões**

Admirava a garota há uns três meses. Na verdade, babava.

Ela passava no corredor do escritório com aquela malemolência das mulheres que sabem que são bonitas, e os olhos dele quase saiam das órbitas. No café, no xerox, no elevador, ele a secava direto.

Mantinha-se, no entanto, naquele limbo das relações humanas. Ela parecia, de alguma forma, saber do interesse dele. Porém, não manifestava nenhuma reação que pudesse disparar uma iniciativa mais efetiva de intimidade.

Num fim de tarde, organizaram uma Festa Junina no jardim da firma. Ele ficou num canto mirando-a com olhar pidão. Para aplacar a dor, ia petiscando pinhões e pinhões com cerveja quente. Ela sorria aquele riso das beldades, linda e plena, como se nada ocorresse no entorno.

Ali pelas oito da noite, uma chuva interrompeu o arraial corporativo e ele foi pegar o carro na garagem. Os pinhões e a cerveja o empachavam horrivelmente. E, sem querer, ao sentar-se no banco do veículo, soltou

fétidos e estrepitosos gases provocados pela recente ingesta.

O cheiro de enxofre invadiu o interior, putrefazendo tudo. Ele acelerou com vontade e saiu para a calçada com os vidros fechados devido aos pingos que caíam com força. O odor beirava o insuportável, fazendo-o engulhar.

Quando ganhou a rua, viu a cena que o marcaria para sempre: ela — com o polegar estendido em sinal de carona para ele.

Desesperado, e em dúvida se parava ou seguia, pisou com tudo e lançou água e lama em cima de sua musa.

Nunca um peido foi tão letal à comunhão de almas.



## **Telemarketing**

— Boa tarde, nós notamos que o senhor cancelou a assinatura de seu jornal diário. Procede?

— Procede.

— O senhor não quer mais receber seu jornal diário?

— Não.

— Mas o senhor está conosco desde 2001. Vai deixar de nos assinar assim?

— Vou.

— O senhor sabe que pode ler seu jornal diário no smartphone ou tablet, não?

— Sei.

— E mesmo assim o senhor quer cancelar sua assinatura do jornal diário?

— Quero.

— E se, de 29,90 reais mensais, nós baixássemos o valor de sua assinatura para apenas 10,90 reais por três meses? O senhor ficaria conosco?

— Não.

— E se, além desse excelente desconto, nós lhe dermos uma assinatura on-line grátis? O senhor mudaria de ideia?



## **LIVROS ILUMINAM**

Este livro foi composto em Chaparral Pro  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2021.